

JORNAL: FOLHA DE S. PAULO LOCAL: SÃO PAULO

DATA: 6/7/85 AUTOR: SERGIO AUGUSTO

TÍTULO:

ASSUNTO:

JORNAL: Folha de S. Paulo

COLUMNA:

LOCAL: São Paulo

DATA: 06/07/85

Fotos Rogério Carneir

EXTRA do ORDINÁRIO

'O Extraordinário', de Luciano Figueiredo: na mostra 'Caligrafias e Escrituras', no Rio, o artista homenageia Machado de Assis e Clarice Lispector

Caligrafias em exposição

SÉRGIO AUGUSTO
Repórter da Sucursal do Rio

Há muito já se sabia que o literário não é o oposto do visual, mas, para tirar qualquer dúvida, organizou-se no Rio uma exposição cujo título, "Caligrafias e Escrituras", espelha bem o melting pot de letras, rabiscos e traços concentrado nas Galerias Sérgio Milliet e no Espaço Alternativo da Funarte. A imprensa carioca demorou quase um mês para lhe dar a devida importância. Montada por Ligia Canongia, com ínfimos recursos — daí a ausência de um catálogo, a meu ver imprescindível —, quando nada, através dela, as gerações desmamadas mais recentemente poderão fazer um madureza do movimento concretista e suas sequelas. São ao todo 220 trabalhos de 55 artistas caligráficos e poetas plásticos, anfíbios artesãos de formas visuais contíguas, para os quais as palavras são ready-made.

Por falar em ready-made, o francês Marcel Duchamp (1887-1968) recebe tributos explícitos e implícitos. O mais escancarado traz a assinatura de Antonio Manuel, que há dez anos "psicografou" o mestre. Outros reverenciados: os poetas Stéphane Mallarmé (francês, 1842 - 1898) e Henri Michaux (belga, 1899-1984). Acompanhando a homenagem a Duchamp, imagens da violência nas ruas politizadas de 1968, dispostas por Manuel como numa primeira página de jornal. Nada mais justo: o jornal é o espaço caligráfico mais popular depois dos outdoors. Na sala ao lado, em meio aos seus paródicos cadernos de Olavo Bócio e do Tabaréu Construtivista, Waly Salomão tira um sarro do "Jornal do Brasil". Nada mais justo: foi no ventre do "JB" que o concretismo foi gestado publicamente no final dos anos 50.

Falando nisso, os mais ativos xamãs do concretismo, os poetas Augusto de Campos e Décio Pignatari, também estão presentes. O primeiro com os seus poemóviles; o

segundo com uma oswaldiana me-tempsicose plástico-visual. A um canto, sobre um pequeno pedestal, uma roda de madeira que mais parece a base de uma bateadeira de bolo. Título: "Noite". Um comparsa dos irmãos Campos e Pignatari concebeu-o há 24 anos. Seu nome: Ferreira Gullar, então neo-concretista. Bem mais afinado com o espírito da exposição que o artefato de Gullar é o holo-poema (isto é, um poema holográfico) de Eduardo Kac e Fernando Catta-Preta, poucos metros adiante. Mais afinado principalmente com o que nos reserva a próxima reencarnação tecnocrônica do concretismo.

Ideograma e grafite

A viagem começa com os bem-humorados jogos de palavras (Amuleto/ A muleta/ América Latina) de Ana Bella Geiger, que mereciam estar ladeados pelos calemburgos icônicos (Arte/ Mente, Viagem/ Imagem) de Rubens Gerchman. Separando-os, contudo, estão os "ideogramas do acaso" de Amélia Toledo, os grafites pluviais de José Roberto Aguiar, as esculturas em PVC de Marcelo Nietzsche e os neons de Thereza Simões, quatro expressivos parênteses do pós-Geiger e do pós-Gerchman.

Depois de Gerchman, uma rota linear, com conexões em Hélio Oiticica (Bangu/ Mangue), Antonio Dias (duas telas pretas com diferentes percepções da palavra "sound") e Ivan Serpa (um antilivro de 1971 e um auto-retrato retrabalhado a nanquin). Seus discípulos preenchem o recinto. Paulo Garcez, ex-aluno de Serpa no Museu de Arte Moderna do Rio, não podia faltar com as suas inscrições neo-rupestres. Nem Carmela Gross com os seus carimbos em papel sanfonado. Nem Eduardo Braga com as suas tatuagens. Fazendo pendant nostálgico com as imagens violentas de Antonio Manuel, as serigrafias de Cláudio Tozzi estreladas pelo ícone mais cultuado no final dos anos 60, Che Guevara.

Entre
as estrelas,
descobri
o caracol.
o pênico
da criação
e do
caracol!
O. de A.

Oswald de Andrade 'psicografado' pelo poeta Décio Pignatari

Além de Mallarmé, Michaux e Oswald de Andrade, são homenageados o Brás Cubas de Machado de Assis e a Clarice Lispector de Perto do Coração Selvagem, ambos por Luciano Figueiredo. As letras, como se vê, saíram ganhando. Sobre um painel de madeira, Wilson Piran reconstituiu em purpurina alguns versos do romance 53 do Romancieiro da Inconfidência, de Cecília Meireles. Talvez seja o casamento mais kitsch do gráfico com o visual de toda a exposição.

Pelos versos escolhidos, expressa à perfeição o que no fundo todos os artistas nela representados queriam dizer. A primeira estrofe, por exemplo, começa assim: "Ai, palavras, ai, palavras, que estranha potência a vossa!"

CALIGRAFIAS E ESCRITURAS - Exposição de trabalhos de 55 artistas caligráficos e poetas plásticos. Nas Galerias Sérgio Milliet e Espaço Alternativo da Funarte (rua Araújo Porto Alegre, 60), no Rio de Janeiro. De segunda a sexta, das 10 às 18 horas. Até dia 11.